

O PASSADO ENTRELACADO AO PRESENTE: ECOS DO SILÊNCIO QUE VEM DO ARAGUAIA

Janaína Buchweitz e SILVA *

- **RESUMO:** O presente artigo analisa o testemunho de uma familiar de um desaparecido político da ditadura militar brasileira que foi publicado em formato de livro no ano de 2012 sob o título *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia*. Partindo do viés de que a narração contribui para a superação do trauma daquele que se dispõe a externar suas experiências e vivências, da aproximação entre os sentimentos de luto e melancolia a partir da psicanálise e entendendo a melancolia como uma variação do luto conforme aponta Idelber Avelar, destacam-se passagens da narrativa de Liniane Haag Brum em que se percebe que seu testemunho opera como uma forma de resistência ao silenciamento que cerceia o tema da ditadura no Brasil, funcionando ainda como uma escrita melancólica que contribui para a resolução do trauma e do luto.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Ditadura. Testemunho. Luto. Melancolia. Trauma.

Em *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia*, Liniane Haag Brum (2012) testemunha sua busca por informações sobre o paradeiro de seu tio Cilon Brum, militante político que desapareceu na Guerrilha do Araguaia cujo corpo não foi encontrado. A autora reconstrói a história de sua família, originária da zona rural do município de São Sepé, interior do Rio Grande do Sul, onde relata o relacionamento de seu pai Lino com seu tio Cilon, focalizando no final dos anos 60 e início dos 70, época em que seu pai casa e Liniane nasce, e também em que Cilon parte em viagem. A autora cresceu ouvindo histórias sobre o tio, com quem esteve somente no dia de seu batizado, em junho de 1971, ocasião em que a família Brum teve contato pessoal com Cilon pela última vez.

Ao mesmo tempo em que estava sempre presente através da saudade e da memória, o silêncio sobre a pessoa de Cilon era o que predominava perante a família: “Muitos anos se passaram sem que ficasse claro o que acontecia com o tio. Sem que fosse possível sequer mencionar seu nome.” (BRUM, 2012, p. 22). Informações desencontradas sobre seu paradeiro foram constantes para a família,

* Doutoranda em Letras – UFPel – Universidade Federal de Pelotas – Programa de Pós-Graduação em Letras – Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil. 96075-630 – janaesilva@yahoo.com.br

que demorou certo tempo para perceber que Cilon vivia na clandestinidade, e após um longo período recebeu a informação de que este se tornara um desaparecido político. Cilon seguiu sua militância política e posteriormente foi lutar na região do Araguaia, local que presenciou uma das maiores guerrilhas do período ditatorial brasileiro: a Guerrilha do Araguaia¹. Com isso, Cilon tornou-se mais um dentre as centenas de desaparecidos políticos do período ditatorial brasileiro:

Muito tempo passou até que se soubesse que ele era um desaparecido político, duas décadas e meia transcorreram até que ficasse claro que ele jamais iria voltar - que havia sido morto. Foram necessários 32 anos para que eu decidisse enfrentar o estigma do medo e do segredo: forças paralisantes, tão abstratas quanto profundas, cujas raízes só a maturidade e a cristalização (parcial) da recente história do Brasil me permitiram compreender. (BRUM, 2012, p. 11)

Após décadas de trauma, a autora decidiu enfrentar o silêncio e o medo. A ideia inicial era coletar entrevistas e registrar imagens para produzir um documentário sobre a vida do tio: o trabalho teve início em 2003, mas quando foi contemplada com uma bolsa de criação literária decidiu contar a história do familiar desaparecido por intermédio da escrita, o que, segundo as palavras da própria autora, seria uma forma de retomar sua própria vida, já que essa estaria entrelaçada à imprecisão da história do tio.

Narrado em primeira pessoa, o livro é dividido em quatro partes, além da apresentação e dos agradecimentos, compondo 271 páginas permeadas de fotografias de arquivo pessoal da família da autora; reproduções de cartas enviadas entre Cilon e seus familiares; cópias de reportagens jornalísticas de jornais e revistas do Rio Grande do Sul, Brasília, Santa Catarina e São Paulo; listas de desaparecidos políticos; a reprodução do convite de celebração de missa de 20º ano de desaparecimento de Cilon, publicado em jornal local; mapa e fotos da região do Araguaia; além da foto da sepultura que aguarda o corpo de Cilon Brum.

A primeira parte do livro ocupa mais de metade da narrativa. Nela a autora reconstrói boa parte da vida do tio, desde sua infância no interior do Rio Grande

¹ A Guerrilha do Araguaia foi, na sua origem, um movimento de resistência ao governo militar que tomou o poder no país em 1964. Entre meados da década de 60 e início dos anos 70, o Partido Comunista do Brasil enviou 69 militantes, na sua maioria estudantes, para as proximidades da região do Bico do Papagaio, em Tocantins, e seu entorno, no Pará e no Maranhão. O objetivo inicial era que esses jovens, quase todos perseguidos ou banidos nas grandes cidades, criassem vínculos com os moradores locais, promovendo as condições necessárias para um movimento de resistência que nasceria a partir do campo. [...] O movimento foi exterminado pelo governo brasileiro em três campanhas militares de cerco e aniquilamento. [...] As operações militares deixaram quase todos os militantes comunistas desaparecidos e mortos. Muitos deles assassinados depois de presos ou rendidos. Um número indeterminado de camponeses e moradores do Araguaia também desapareceu, permanecendo até hoje sem sepultura conhecida ou certidão de óbito. (BRUM, 2012, p. 265-266)

do Sul e seu relacionamento com a família, até sua militância política e o ingresso na clandestinidade. A autora apresenta vários fragmentos de reportagens, cartas e fotos de álbuns de família que foram coletados ao longo de sua pesquisa e introduz o tema da Guerrilha do Araguaia. Ao longo de toda a segunda parte do livro, a autora narra sua primeira incursão à região do Araguaia. A terceira parte relata sua segunda viagem ao Araguaia, e a quarta funciona como uma espécie de fechamento da narrativa. A história se desenvolve ainda se valendo de reproduções de cartas da autora endereçadas à sua mãe de Cilon e à sua avó, a quem relata encontros e desencontros ao longo de sua busca pelo paradeiro do tio.

A narrativa da autora evidencia a angústia de uma família de um desaparecido político, que ficou por décadas sem receber informações concretas sobre o paradeiro ou a situação de um familiar, e que por isso não usufruiu sequer o direito a vivenciar o luto de um ente querido, já que a morte de Cilon levou décadas para ser confirmada e até hoje desconhecesse o paradeiro de seu corpo. Nesse sentido, também o tema do luto obtém destaque na narrativa da autora, que chamou para a si a responsabilidade em descobrir o destino de seu tio, como forma de trazer algum tipo de consolo tanto para ela quanto para os demais membros da família, principalmente seus avós, os pais de Cilon, a quem dedica *Antes do passado*. Crescendo em meio à saudade e ao silêncio, Liniane desde cedo apresentou uma postura diferenciada com relação ao desaparecimento de seu tio. Era como se ela tivesse uma espécie de dívida para com a memória do tio, que de certa forma também era dela:

Quando fiz a primeira viagem ao Araguaia, em 2009, com o objetivo de encontrar pessoas que pudessem falar sobre meu tio, surgiu a necessidade premente de escrever sua história. Como se não houvesse a possibilidade de seguir com minha vida sem antes passar a de tio Cilon a limpo. (BRUM, 2012, p. 12)

Nesse sentido, podemos entender sua narração como uma tentativa de superação do trauma e de resolução do luto. A narração empreendida com base em um caso familiar, de forma geral, aponta igualmente para o trauma coletivo originado no período da ditadura militar brasileira. Em sua primeira ida ao Araguaia, a autora testemunhou o trauma que a guerrilha deixou como herança aos moradores do local:

Demorei para conseguir achar alguma pista do tio, pois a maioria das pessoas que presenciou a guerra – aqui eles só chamam de guerra o que aconteceu – ainda é traumatizada. Foram muito maltratadas, vizinha, tiveram suas casas queimadas, as roças destruídas. Sentiram na pele, literalmente, a Guerrilha no Araguaia, porque uma enorme quantidade de gente do exército, sob o comando dos generais e do presidente da República, foi colocada ali para machucar as pessoas na carne e na honra. (BRUM, 2012, p. 185-186, grifos da autora)

Em *Alegorias da derrota*: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina, Idelber Avelar (2003) estuda o luto e a melancolia nas literaturas latino-americanas pós-ditatoriais. Revisam-se teorias do luto e, partindo da distinção entre luto e melancolia proposta por Freud, aponta-se para a melancolia como uma das variações do luto. O estudioso entende que, assim como o luto coloca-se como condição da escrita, a escrita semelhantemente se coloca como condição de resolução do trabalho de luto. Nesse sentido, a literatura enlutada está sempre em busca de fragmentos e ruínas:

A literatura pós-ditatorial testemunharia, então, esta vontade de reminiscência, chamando a atenção do presente a tudo o que não se realizou no passado, recordando ao presente sua condição de produto de uma catástrofe anterior, do passado entendido como catástrofe. A literatura pós-ditatorial teria assim uma vocação intempestiva no sentido nietzschiano, “atuando contra nosso tempo e portanto sobre nosso tempo e, espera-se, em benefício de um tempo vindouro”. (AVELAR, 2003, p. 238-239)

Na literatura produzida por Liniane Haag Brum (2012) são apresentados vários testemunhos de pessoas com as quais a autora conviveu em busca de informações sobre o tio, o que possibilita a revisitação ao passado com vistas a uma reconstrução da história, já que o somatório de pontos de vista e testemunhos contribuem com a formação de uma nova história sobre a ditadura, que passa a ser contada por aqueles que a viveram nos bastidores. Tal perspectiva convoca o chamado *cronista da história* de Walter Benjamin (1996, p. 223), sendo esse aquele que “sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”. Ainda para o filósofo alemão:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi.” Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, 1996, p. 224-225)

Buscando combater o silenciamento através da pesquisa e, posteriormente, da escrita, Liniane Haag Brum (2012) empreendeu a busca sobre o passado do tio a partir prioritariamente da coleta de testemunhos daqueles que com ele conviveram. A autora relata que a repressão durante a ditadura era tanta que nem mesmo os companheiros de movimento tinham muitas informações uns sobre os outros, e o faz através da reprodução do depoimento da militante Édila, quem conviveu com Simão (codinome de Cilon) e presenciou uma de suas partidas:

Doou as calças de veludo e os casacos pesados. As blusas de lã, viu depois, ficaram no armário de Jorge. Concluiu que tio Cilon iria para um lugar quente. Mas ele nunca confirmou nada, nem poderia, naquela época o sigilo partidário era lei. Se comentasse com alguém o seu destino, colocaria em risco a estratégia do partido e a segurança das pessoas que estavam envolvidas na operação. E tio Cilon era um rapaz de espírito sério, jamais violaria uma regra. A notícia de que ele estava no Araguaia veio algum tempo depois, através de um delegado do PC do B que esteve na casa de Édila e Jorge. “Não lembro, naqueles anos a gente era programado para esquecer os nomes das pessoas.” (BRUM, 2012, p. 94)

Ao ouvir o testemunho de Saulo, militante e amigo de Cilon, a autora relata a vida na clandestinidade daquele, bem como a participação junto ao movimento operário. O depoente expressa sua percepção sobre a Guerrilha do Araguaia:

Já o Araguaia foi diferente. O governo mobilizou mais de dez mil homens do exército, em três campanhas militares, para pegar um punhado de setenta pessoas no meio da selva amazônica. “Mas por que essas setenta pessoas faziam tanto medo assim? Investir tanto recurso humano e financeiro para matar setenta pessoas?” Ele mesmo respondeu: “É que o governo da época era tão ilegal, tão à margem da sociedade por ter tomado o poder à força, que o mínimo de pessoas organizando-se para oferecer resistência fazia medo. Porque essa resistência poderia um dia se tornar – como aconteceu – um movimento de massa. O movimento de massa sempre precisa ter uma vanguarda para comandar. E essas pessoas organizadas foram a vanguarda.” (BRUM, 2012, p. 117-118)

Investigando arquivos pessoais da família e pesquisando em fotos, livros e matérias jornalísticas, a autora aspira a reconstruir a figura do tio ouvindo também aqueles que o conheceram, bem como viajando à região do Araguaia e percorrendo outras regiões do Brasil em busca de informações sobre o destino e a história de Cilon:

Descobri que também no Pará, no Tocantins e no Maranhão havia feridas abertas. No norte do Brasil, no meio de despistes e anonimatos, codinomes e

senhas, havia fendas. E entre o interdito, houve o dito. Houve quem falasse. E dizendo desenharam silhuetas, refizeram linhas e contornos, reconfiguraram traços – foram tirando o véu da fumaça, não todo – e enxerguei tio Cilon no Araguaia, lugar proibido, local de sumiço. Vida feita tragédia poética. (BRUM, 2012, p. 12-13)

A autora reconstrói parte da trajetória oculta de seu tio e o faz majoritariamente se valendo de diversos testemunhos que recolhe daqueles que conviveram com Cilon e que também vivenciaram o período da repressão. O não dito merece destaque na narrativa da autora, pois essa reflete sobre o estranhamento que o silenciamento sobre o período ditatorial brasileiro lhe provoca. Não por acaso, o subtítulo de seu livro é **o silêncio que vem do Araguaia**, já que a história de Cilon sempre foi acompanhada de um excessivo silenciamento, seja por parte da família que pouco abordou o tema, seja pela total falta de informações que por muito tempo caracterizou a situação de Cilon: “Se tio Cilon nunca mais ia existir, por que continuava existindo além da carne, doendo além da dor - por que o sangue que não corria mais em suas veias continuava se coagulando nos veios da família?” (BRUM, 2012, p. 29). O incômodo da autora com o silêncio da família é evidente, sendo que nem mesmo na escola, local primordialmente entendido como espaço de reflexão sobre nossas memórias e histórias, Liniane encontrou, após a redemocratização, caminhos para debater o tema da ditadura:

Ainda muito criança, eu manuseava um livro verde, *Guerrilha do Araguaia*. Dentro dele tinha a foto do meu tio e uma pequena biografia. Mas ninguém nunca comentou nada – o livro ficava entre outros, à disposição numa prateleira. Na escola, nem a professora sabia o que era *Guerrilha do Araguaia*. E meu pai não gostava de falar no assunto. Era tudo muito estranho. (BRUM, 2012, p. 22)

O silenciamento sobre o período da ditadura equivale a um elemento de ordem estrutural, na medida em que atinge a sociedade brasileira desde a esfera privada até a educacional, conforme evidenciado pela narrativa da autora. Importante destacar que o silêncio ocasiona esquecimento, uma vez que o que não é abordado, comentado, discutido, acaba por ser engavetado e ocultado pela memória. Nesse sentido, entende-se que o esquecimento deve ser visto enquanto uma ameaça a ser combatida, e uma das formas de combate se daria através da escrita. Sobre a ameaça do esquecimento, Idelber Avelar (2003, p. 239) destaca que:

O imperativo de luto é o imperativo pós-ditatorial por excelência. Nutrindo-se de uma recordação enlutada que tenta superar o trauma das ditaduras, a literatura pós-ditatorial leva consigo as sementes de uma energia messiânica que, como o anjo benjaminiano da história, olha o passado, a pilha de escombros, ruínas e

derrotas, num esforço para redimi-los, enquanto é empurrado adiante pelas forças do “progresso” e da “modernização”. Trata-se aqui de estabelecer uma relação salvífica com um objeto irrevogavelmente perdido, um compromisso que não pode fazer mais que perpetuamente tentar colocar-se em dia com sua própria inadequação, consciente de que todo testemunho é uma construção retrospectiva que deve elaborar sua legitimidade discursivamente, em meio a uma guerra linguística na qual a voz mais poderosa ameaça ser a do esquecimento.

As palavras acima denunciam a impossibilidade que a autora sentia em viver sua própria vida sem elucidar a situação do tio. Sua escrita apresenta-se muitas das vezes em um tom bastante melancólico, em que fica difícil distinguirmos seus sentimentos em relação ao luto, já que há dúvidas sobre a morte e sobre o paradeiro do corpo de Cilon. Nesse sentido, podemos pensar em um luto que não se concretiza ou que se arrasta *ad infinitum*. Idelber Avelar (2003, p. 240) entende o luto como “caráter interminável” e “tarefa irrealizável”. Para o pesquisador, o luto opera como forma de restituição por intermédio de operações substitutivas e metafóricas:

O sobrevivente confronta assim um buraco negro na função restitutiva do luto. Todo luto demanda restituição, não porque se deseje restaurar o estado anterior à perda – o enlutado costuma saber que isto é impossível, e só se recusa a aceitá-lo em casos extremos de fixação no passado que conduzem a uma melancolia radical – mas porque o luto só é levado a cabo através de uma série de operações substitutivas e metafóricas mediante as quais a libido pode investir em novos objetos. (AVELAR, 2003, p. 236)

Em *Antes do passado*: o silêncio que vem do Araguaia, a escrita da autora possibilita a restituição de seu luto. A dúvida sobre o paradeiro do tio foi uma constante em grande parte de sua vida, fonte de trauma que se perpetuou por toda a geração de familiares que com Cilon conviveram. Mesmo sendo uma história marcada pelo silêncio, o pai da autora buscou informações sobre o paradeiro de Cilon, e no ano de 1996 obteve o atestado de óbito do irmão, sendo o ato marcado por uma solenidade e divulgado pela imprensa local - a notícia é uma das muitas reproduzidas em *Antes do passado*, que é entrecortado por documentos, reportagens, fotografias e relatos.

Liniane propõe uma releitura do passado baseada em relatos familiares e em testemunhos de diversos atores do período ditatorial brasileiro, demonstrando ainda, através de seu próprio testemunho, sua incansável busca por informações sobre o tio desaparecido:

E demorei muito tempo para compreender que meu tio, no Araguaia, eu tinha que buscar num outro lugar. Um espaço entre o poder e o sonho. Uma localidade

situada além dos chamados porões da ditadura – um local mais abaixo, mais subterrâneo e fugidio.

Porque entre o sonho de tio Cilon e o Brasil dos anos 2000 havia o abatedouro da história: para baixo, muito mais para baixo. (BRUM, 2012, p. 66)

Cada capítulo do livro da autora recebeu um título, à exceção daqueles em que ela se comunica com sua vó e mãe de Cilon, dona Lóia, a quem ela endereça cartas relatando seus sucessos e insucessos em busca de informações sobre o tio. A seguir um fragmento da primeira carta endereçada pela autora à sua avó:

São Paulo, 20 de novembro de 2005

Vó Lóia,

Essa noite sonhei com tio Cilon. Eu estava no meio da floresta e gritava seu nome. Estávamos perto um do outro, mas ele não me ouvia e eu não o enxergava. O sonho era como um filme em que, a um só tempo, eu atuava e assistia à fita: de fora via que bastariam alguns passos para que nos encontrássemos. Mas, dentro da floresta, só percebia o eco da minha voz e o breu da mata fechada.(...)

Vó, estou buscando o tio Cilon. É sobre isso que preciso lhe falar.

Sempre desejei encontrá-lo. Uma vontade que ia aumentando à medida que ele não voltava. Quando criança pequena vasculhava álbuns de família e prestava atenção às conversas dos adultos. Aos poucos, entendi que comentar seu nome causava mal-estar. (Mas por quê, se ele era tão querido?!) Muitas vezes ficava, em silêncio, imaginando tio Cilon, adivinhando o timbre de sua voz, os trejeitos, o sorrir: O que ele fazia quando estava bravo e o que gostava mais de comer. Esse tipo de coisa, que poderia ter perguntado até para a senhora. Mas não podia. (BRUM, 2012, p. 35, grifos da autora)

Ao longo da narrativa, são reproduzidas dez cartas de Liniane endereçadas à sua vó Lóia, datadas entre os anos de 2005 e 2010, período em que a autora empreendeu a busca pelo seu tio na região do Araguaia e buscou reconstituir a história do tio, indo a locais em que ele estudou, trabalhou e militou, à medida que busca informações de pessoas com as quais ele conviveu durante o período da clandestinidade. Na segunda carta endereçada à avó, a autora relata a satisfação e a sensação de conforto que sente ao rememorar a história do tio, como se a rememoração contribuisse para a superação do seu trauma:

Foi tão bom poder recordar o tio Cilon desse modo. Por isso trouxe, para compartilhar com a senhora, esses traços tão conhecidos seus e perdidos no doer. Fico emocionada toda vez que vejo o pai falar do tio Cilon e de todos na

família que o esperaram. De como foram esses anos. Ele sempre fala isso. E sempre vai falar, porque faz parte da estratégia de viver. Mas queria tanto que a gente pudesse parar de se condoer. Por isso trago para a senhora notícias dessas viagens em que vou registrando as pessoas e as marcas do tio Cilon nelas. (BRUM, 2012, p. 57, grifos da autora)

As cartas endereçadas à avó dão um tom ficcional à narrativa, já que Dona Lóia faleceu na década de 80. No capítulo “Rogar”, há a reprodução de uma carta datilografada pela avó da autora, que relata estar em seus últimos dias de vida, e por esse motivo suplica informações sobre o paradeiro e a situação do filho às autoridades, como forma de amenizar o sofrimento. Sentimentos como tristeza, luto e melancolia permeiam a narrativa por intermédio de diferentes personagens, histórias e testemunhos: assim como Cilon e vó Lóia, o pai da autora recebe destaque na narrativa. Lino Brum nunca desistiu de obter informações sobre o paradeiro de seu irmão Cilon e, em meio a uma família de sete irmãos, além do pai e da mãe, foi o que mais se envolveu em busca de informações pelo familiar desaparecido:

Nunca pensou que meu batizado seria a última vez que veria tio Cilon, nem que ele se tornaria desaparecido político. Ao meu pai calhou a missão de porta-voz de notícias incompletas, reveladas à meia-voz, à luz bruxuleante do abajur ou no meio do mandiocal atrás de casa.

Depois de anos sem mencionar o nome do filho caçula, vô Lino puxou meu pai pelo braço, lá para o lado da plantação: “Alguma notícia dele?” “Não, nada”, respondeu de cabeça baixa, esquivando-se de fitar os olhos do pai, evitando decepcionar por não poder dar as tão esperadas notícias. “Você não está mentindo?” “Não, não estou mentindo”, ele disse com os olhos fixos no pai. Vô Lino nunca mais voltou ao assunto. Jamais disse “Cilon” enquanto esteve vivo. Levou para o túmulo seu silêncio. E um segredo: a carta que recebeu do filho. (BRUM, 2012, p. 49)

À época da ditadura militar brasileira, muitos familiares viveram e morreram sem saber o destino de seus entes queridos. Como no caso de Cilon, representativo de muitos outros, foram décadas de espera por informações. A dor da mãe que teve o filho sequestrado pelo regime e do qual nunca mais obteve notícias nem contatos é retratada em diversas passagens, uma delas no capítulo “Guardiã”:

Minha avó não domava mais as sílabas, soprava-as fracas, por vezes inaudíveis, quase murmúrios. Dizia com o corpo e com os olhos as palavras que a mão, paralisada, não podia escrever.

Sua cadeira amarela na porta da casa – o corpo ali encaixado, a bengala ao lado. A mãe de Cilon, minha avó Lóia, com a atenção sempre na rua: uma imagem que falava e todo mundo sabia o que queria dizer. (BRUM, 2012, p. 53)

Em 1917, na obra *Luto e melancolia*, Sigmund Freud (2006) aproximou ambos. Buscando esclarecer a natureza da melancolia, o criador da psicanálise optou pela correlação entre melancolia e luto por perceber semelhanças entre suas condições, bem como entre as causas que lhes originam. Entendendo, de maneira geral, o luto como uma reação à perda de uma pessoa amada, esse estado irá apresentar características que também serão percebidas em um ser melancólico, quais sejam o sentimento de dor, o desinteresse pelo mundo, a perda da capacidade de amar e a inibição geral na capacidade de realizar tarefas. Percebe-se essas características da melancolia na narrativa de Liniane, que em diversas passagens relata a falta de sentido de sua vida, bem como a influência da vida de seu tio na sua. Sobre a escrita de *Antes do passado*, a autora comenta que foi um “Trabalho visceral que deu sentido a minha vida ao reconstruir a vida de meu tio e padrinho, Cilon Cunha Brum.” (BRUM, 2012, p. 13). Em *Sol negro: depressão e melancolia*, Julia Kristeva (1989) defende que o deprimido é um habitante do imaginário que busca um tempo passado, um fato de memória que se perdeu, através de uma inquietação e nostalgia. A autora entende que o melancólico vive um passado que não passa, uma temporalidade descentrada:

O tempo em que vivemos sendo o do nosso discurso, a palavra estranha, retardada, ou dissipada do melancólico o conduz a viver numa temporalidade descentrada. Ela não se escoa, o vetor antes/depois não a governa, não a dirige de um passado para uma finalidade. Maciço, pesado, sem dúvida traumático porque carregado de muita dor ou de muita alegria, um momento tapa o horizonte da temporalidade depressiva, ou melhor, tira-lhe qualquer horizonte, qualquer perspectiva. Fixado ao passado, regressando ao paraíso ou ao inferno de uma experiência não ultrapassável, o melancólico é uma memória estranha: tudo findou ele parece dizer, mas eu permaneço fiel a esta coisa finda, estou colado a ela, não há revolução possível, não há futuro... (KRISTEVA, 1989, p. 61)

O passado traumático e a temporalidade descentrada a que se refere Kristeva (1989) se evidenciam ao longo da narrativa de Liniane Haag Brum (2012), que busca reconstituir a história do tio como forma de libertação, por sentir a impossibilidade em dar segmento a sua vida sem antes elucidar o paradeiro do tio:

Foi quando compreendi que minha busca só se completaria se conseguisse refazer o elo rompido pela brutalidade do regime militar de 1964. Daí em diante a obra

se iluminou e nasceu *Antes do passado*. História fragmentada e incompleta, feita daquilo que foge à minha própria compreensão. (BRUM, 2012, p. 13)

O fundador da psicanálise destaca que o trabalho de luto feito conscientemente absorve o Eu do sujeito, já que é sabida e conhecida a causa que origina o luto, diferentemente do que ocorre na melancolia, visto que, na maioria das vezes, não é possível determinar o motivo dessa sensação. Partindo de suas reflexões sobre o luto, Sigmund Freud (2006, p. 105) tece as seguintes considerações acerca da melancolia:

Numa série de casos, é evidente que também a melancolia pode ser uma reação à perda de um objeto amado. Em outras ocasiões, constata-se que a perda pode ser de natureza mais ideal, o objeto não morreu realmente, mas perdeu-se como objeto de amor (por exemplo, no caso de uma noiva abandonada). Em outros casos, ainda, consideramos razoável supor que tal perda tenha de fato ocorrido, mas não conseguimos saber com clareza o que afinal foi perdido; portanto, temos motivos para achar que também o doente não consegue nem dizer, nem apreender conscientemente o que perdeu. Esse desconhecimento ocorre até mesmo quando a perda desencadeadora da melancolia é conhecida, pois, se o doente sabe quem ele perdeu, não sabe dizer o que se perdeu com o desaparecimento desse objeto amado. Isto, portanto, nos leva a relacionar a melancolia com uma perda de um objeto que escapa à consciência, diferentemente do processo de luto, no qual tal perda não é em nada inconsciente.

Em *Antes do passado*: o silêncio que vem do Araguaia, a diferenciação entre melancolia e luto se torna ainda mais complexa, na medida em que a narradora vivencia um luto marcado pelo desconhecido, ao não possuir informações concretas sobre o destino do tio. Para Freud (2006), a melancolia se torna enigmática, na medida em que não é possível saber o que realmente está absorvendo o melancólico. No entanto, o autor supõe que a consequência da perda na melancolia se assemelhe à que ocorra no processo de luto. No caso do luto, é o mundo que torna-se pobre e desinteressante, já na melancolia o empobrecimento volta-se para o Eu, através de uma “depreciação do sentimento-de-Si” (FREUD, 2006, p. 105). O melancólico vive em depreciação, se sentindo indigno perante os demais com quem convive, em um constante movimento de autocensura e punição, portanto, o luto representa reação normal, ao contrário da melancolia, uma doença, segundo Sigmund Freud (2006, p.103):

Curiosamente, no caso do luto, embora ele implique graves desvios do comportamento normal, nunca nos ocorreria considerá-lo um estado patológico e tampouco encaminharíamos o enlutado ao médico para tratamento, pois

confiamos em que, após determinado período, o luto será superado, e considera-se inútil e mesmo prejudicial perturbá-lo.

Sigmund Freud (2006) divide a formação do Eu em três grandes instituições: a consciência moral (*Gewissen*), a censura que parte do consciente (*Bewusstseinszensur*) e o teste de realidade (*Wahrheit*). No melancólico, uma parte do Eu, que seria a consciência moral, se contrapõe à outra, e passa a avaliá-la criticamente, como se sua outra parte fosse um objeto. O autor entende que o melancólico se considera um incapaz digno de rejeição, e essa autocrítica opera enquanto crítica a outra pessoa, amada pelo melancólico, ou seja, “as auto-recriminações são recriminações dirigidas a um objeto amado, as quais foram retiradas desse objeto e desviadas para o próprio Eu” (FREUD, 2006, p.107). Dessa forma, a libido liberada pelo melancólico produz uma identificação do Eu com o objeto abandonado:

Podemos então facilmente reconstruir esse processo. Havia ocorrido uma escolha de objeto, isto é, o enlaçamento [Bindung] da libido a uma determinada pessoa. Entretanto, uma *ofensa real* ou *decepção* proveniente da pessoa amada causou um estremecimento dessa relação com o objeto. O resultado não foi um processo normal de retirada da libido desse objeto e a seguir seu deslocamento para outro objeto, mas sim algo diverso, que para ocorrer parece exigir a presença de determinadas condições. O que se seguiu foi que o investimento de carga no objeto se mostrou pouco resistente e firme e foi retirado. A libido então liberada, em vez de ser transferida a outro objeto, foi recolhida para dentro do Eu. Lá essa libido não foi utilizada para uma função qualquer, e sim para produzir uma *identificação* do Eu com o objeto que tinha sido abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu. A partir daí uma instância especial podia julgar esse Eu como se ele fosse um objeto, a saber: o objeto abandonado. Desta forma, a perda do objeto transformou-se em uma perda de aspectos do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada transformou-se num conflito entre a crítica ao Eu e o Eu modificado pela identificação. (FREUD, 2006, p. 108)

Para que ocorra esse processo, faz-se necessário que haja forte fixação no objeto de amor e fraca resistência ao investimento depositado no objeto, havendo a substituição do amor pelo objeto por uma identificação com o objeto, a partir da identificação narcísica. Para Freud (2006, p.109), “esse mecanismo corresponde a uma *regressão* que parte de um certo tipo de escolha objetal e volta para o narcisismo original”. Com isso, Freud conclui que a melancolia possui características do luto que são mescladas a um processo específico de regressão, que se origina em uma escolha objetal de tipo narcísico, para posteriormente retornar ao estado de narcisismo.

Freud aponta a ambivalência característica do sujeito melancólico, pois, no caso da melancolia, “a perda do objeto de amor mostra-se como uma ocasião muito excepcional para que a ambivalência que havia nas relações amorosas agora se manifeste e passe a vigorar” (FREUD, 2006, p. 109-110). Sobre a relação entre o conflito de ambivalência e a melancolia, Sigmund Freud (2006, p. 110) discorre:

Mas, ao contrário do luto patológico, o que desencadeia a melancolia geralmente abarca mais do que uma nítida perda ocasionada pela morte. Abrange todas as situações por meio das quais os elementos opostos de amor e ódio se inseriram na relação com o objeto, ou lograram reforçar uma ambivalência já preexistente, por exemplo, situações de ofensa, negligência e decepção. Esse conflito de ambivalência, seja ele de origem mais real, ou mais constitutiva, é um dos importantes pré-requisitos para o surgimento da melancolia. Uma vez tendo de abdicar do objeto, mas não podendo renunciar ao amor pelo objeto, esse amor refugia-se na identificação narcísica, de modo que agora atua como ódio sobre esse objeto substituto, insultando-o, rebaixando-o, fazendo-o sofrer e obtendo desse sofrimento alguma satisfação sádica. A indubitavelmente prazerosa autoflagelação do melancólico expressa, como o fenômeno análogo na neurose obsessiva, a satisfação de tendências sádicas e de ódio. Essas tendências são sempre dirigidas a algum objeto, e é por essa via que no caso elas se voltaram contra a própria pessoa.

Com isso, o autor conclui que o investimento erótico no objeto do melancólico tem dois destinos: um que regride à identificação, e outro que é remetido ao sadismo, sob a influência do conflito de ambivalência. Já para Idelber Avelar (2003), a literatura pós-ditatorial oscila entre as posições de sujeito e objeto do luto, e por isso encontra-se perenemente às margens da melancolia. Após analisar uma série de produções literárias que versaram sobre a ditadura da América Latina, o estudioso conclui que os livros apontam para uma impossibilidade da escrita, e entende com isso que a única tarefa que resta à escrita é a de trabalhar a partir dessa impossibilidade. Desse movimento, em *Alegorias da derrota*: a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina Idelber, estabelece-se a melancolia como variação do luto:

A perda com a qual a escrita tenta lidar engoliu, melancolicamente, a própria escrita: o sujeito enlutado que escreve se dá conta de que ele é parte do que foi dissolvido. Esta percepção tem lugar naquele espaço cinza em que o luto encontra-se na fronteira com a melancolia. A melancolia emerge assim de uma variedade específica de luto, daquele luto que fechou um círculo que inclui o próprio sujeito enlutado como objeto da perda. (AVELAR, 2003, p. 263)

Em *Antes do passado*: o silêncio que vem do Araguaia, a autora demonstrou sua tentativa de superação de luto, tanto seu quanto de sua família, através da escrita literária, pois através da narração buscou superar a dor que a perda de Cilon Brum causou a sua família e, conseqüentemente, também a ela. O assassinato de Cilon foi confirmado no dia primeiro de julho de 2009, através de uma reportagem da revista *Veja*. A referida reportagem é reproduzida no livro da autora, que relata que teve imensa dificuldade em lê-la, na data em que a família oficialmente recebeu os pêsames dos conhecidos e amigos. Liniane descreve suas impressões sobre a revelação:

O primeiro a cair foi Antônio. Um tiro na cabeça fez com que seu corpo tombasse. Depois tio Cilon: Cilon Cunha Brum. Não especificaram se o tiro foi no crânio, como o outro jovem. Mas os atiradores descarregaram as armas. A munição que tinham foi toda para os corpos. A fonte, participante ativa no evento, garantiu ao jornalista que “parecia pelotão de fuzilamento”. Outro dado que a fonte informou: os corpos dos militantes do PC do B ficaram insepultos. Os dois jovens, ambos de 28 anos, foram largados ao relento. Houve quem se preocupasse em cobri-los com folhas, mas parece que não adiantou grande coisa: os bichos foram atraídos pelo cheiro. “A ordem era não deixar sair ninguém de lá vivo”, o anônimo explicou ao repórter. “Era uma missão e cumprimos o que foi determinado.” (BRUM, 2012, p. 126)

A confirmação do corpo insepulto do tio causou imensa dor e revolta em Liniane e em seus familiares. Nesse momento, evidencia-se a imensa dificuldade da autora em processar a informação divulgada pela reportagem, dado que a história de Cilon era marcada por incertezas, e com isso havia esperanças por parte da autora, bem como de sua família, de que o destino de Cilon houvera sido outro. Para Avelar, “o trabalho de luto só pode ser levado a cabo através da narração de uma história” (2003, p. 235), nesse sentido, o desfecho sobre o fim de Cilon pode operar como a supressão de uma falta, no sentido de enfim reconstituir o luto da autora e da sua família.

Os mortos que não foram enterrados, aos que se permitiu ficar ao redor dos vivos como fantasmas, não podem ser objeto de luto. Cabe aos vivos restituir os mortos ao reino dos mortos e liberá-los da condição incerta de fantasmas sem nome, irreconhecíveis. Para usar uma expressão cara a Freud, a tarefa seria transformar uma repetição numa memória. A restituição dos mortos ao reino dos mortos representaria uma extrojeção que, entretanto, não pode senão ser percebida pelo sobrevivente como uma traição. Para o enlutado um trabalho de luto concluído equivaleria a um segundo assassinato dos mortos. A transformação da repetição compulsiva em recordação termina por não se diferenciar, aos olhos

do enlutado, de sua submersão nas águas barrentas do esquecimento. Ela aprende que a reativação da memória na pós-ditadura não pode senão criar condições para um esquecimento reflexivo e ativo, e isto conduz, de novo, à melancolia. (AVELAR, 2003, p. 255-256)

Entende-se, pois, que a narrativa de Liniane permanece melancólica até mesmo após a descoberta do paradeiro do tio. Após a divulgação da reportagem foi que Liniane empreendeu as duas incursões à região do Araguaia e, em sua segunda ida à região, reconstruiu os últimos dias de seu tio, o que é relatado na penúltima carta endereçada à sua avó:

Gostaria de ter enviado antes essa carta. Sabe, o que trago não é a história imaculada e inteira. São pedaços de recordações – pegadas e rastros que se materializaram involuntariamente em falas. O que lhe ofereço, vizinha, é um vislumbre do seu filho, feito de fragmentos. Por isso a demora, vó. Medo eu tive de ferir ao invés de confortar. De que as palavras soem ferroadas e não o afago que tanto queria lhe fazer. (BRUM, 2012, p. 239, grifos da autora)

Liniane desculpa-se com sua avó, enquanto demonstra consciência da impossibilidade de narrar a totalidade da história de seu tio. Para Idelber Avelar (2003, p. 236): “A narrativa estaria sempre presente num mais ou numa falta, excessiva ou impotente para capturar o luto em toda sua dimensão”. A autora busca consolação para o fato do corpo do tio nunca ter sido sepultado, e também busca consolar sua família, através das cartas que endereça à avó:

Seu filho Cilon não foi enterrado. Foi semeado. Deixado em cima da terra como grão que um dia vai germinar. Exatamente como diz outro poema, aquele que o pai e os tios colocaram na lápide que aguarda Cilon Cunha Brum: “Mortos? Quem disse se vivos estão, não morre a semente jogada na terra, os frutos virão...” Tal qual disse o poema, o tio foi semeado.

Foi germinando, enquanto nós aguardávamos nossa espera redemoinha.

Hoje tenho a sensação de que intuíamos tudo – mesmo quando não sabíamos de nada. Mesmo quando tudo o que havia era o silêncio.

Saudade enorme,

Nani (BRUM, 2012, p. 241-242, grifos da autora)

A autora encerra *Antes do passado*: o silêncio que vem do Araguaia com uma carta em que se despede de sua busca e de sua avó. É esse igualmente o momento em que se encontra novamente consigo mesma. Ao concluir seu processo de escrita, a autora aponta para uma espécie de superação do trauma e da situação de luto que vinha acompanhando-a desde sua infância:

Então percebi que chegara o momento de cessar nossa correspondência. Senti quarenta anos se passando desde que o tio Cilon entrou na igreja São Sebastião esgueirando-se, o corpo magro e alto fazendo o contorno lateral no templo até alcançar a pia batismal – e ali ungir minha testa.

Não, vozinha, não é que esteja te abandonando – como poderia deixar para trás o que faz parte de mim? Seria como morrer um pouco. Seria deixar de ser. E, vó, sinceramente, esse espaço tão nosso que foge até mesmo da minha compreensão, esse tempo antes do passado, vozinha, vai ser sempre o lugar de tio Cilon. O recanto dele, íntegro e inteiro. Um lar onde passamos a limpo sua vida e feições. Nosso canto de polir palavras com panos plácidos e puros. E ponto.

Com amor,

Nani (BRUM, 2012, p. 260, grifos da autora)

Assim, a autora permanece presa ao passado, nesse tempo a que ela chama de antes do passado, em que sua história permanecerá sempre atrelada a de seu tio Cilon, ou, nas palavras de Kristeva (1989), presa a um passado que não passa. Pode-se pensar em uma autora enlutada, que durante décadas perseguiu uma versão da história que lhe trouxesse algum tipo de acalento e conforto, para que assim conseguisse superar o trauma vivenciado por um familiar de um desaparecido político.

Entende-se, portanto, que a narrativa de Liniane funcionou como, nas palavras de Idelber Avelar (2003), uma restituição do luto, na medida em que assim como a narração precisa do luto, também o luto para se constituir necessita da narração de uma história, e a finalização do projeto de escrita de Liniane serviu como forma de restituição de seu luto, operando ainda enquanto um testemunho que visa combater o esquecimento que permeia o tema da ditadura no Brasil.

SILVA, J. B. e. The past intertwined to the present: echoes of the silence that comes from Araguaia. *Itinerários*, Araraquara, n. 50, p. 101-117, 2020.

- **ABSTRACT:** *The present article has as its main objective the analysis of the testimony of a family member of a missing political dissident that disappeared during the Brazilian military dictatorship, which was published as a book in 2012 under the title Before the past: the silence that comes from Araguaia. Having as its starting point the perspective that the narration contributes to overcoming the trauma of those who are willing to express their life experiences, the approximation between the feelings of grief and melancholy through psychoanalysis and understanding melancholy as a variation of mourning, as Idelber Avelar points out, it is intended to highlight passages in Liniane*

Brum's narrative testimony that operate as a form of resistance to the silencing policy that surrounds the theme of dictatorship in Brazil, also functioning as a melancholic writing that contributes to the resolution of trauma and grief.

■ **KEYWORDS:** Dictatorship. Testimony. Grief. Melancholy. Trauma.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Idelber. **Alegorias da derrota:** a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina. Tradução de Saulo Gouveia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas.*** Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 222-234.

BRUM, Liniane Haag. **Antes do passado:** o silêncio que vem do Araguaia. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2012.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. *In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente.*** Tradução de Luiz Alberto Hanns: Rio de Janeiro: ED Imago, 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/25510685/LUTO_E_MELANCOLIA_1917_1915 Acesso em: 18 out. 2019.

KRISTEVA, Julia. **Sol negro: depressão e melancolia.** Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

